Crítica // O intruso ★★★

Três é demais

Ricardo Daehn

FESTA DO CINEMA ITALIANO/ DIVULGAÇÃO



Um humor muito particular está em O intruso

Há três anos, o filme *Tuesday — O último abraço*, enraizado em profunda convicção alegórica, por meio de um imenso papagaio falante, abordava os trâmites para o despontar da morte. Também nesta linha bastante nonsense, o filme de Louis Paxton que chega aos cinemas como uma comédia de vertente pontiaguda trata da negociação desproporcional entre um casal de irmãos para proteger dos intrusos a ilha escocesa de Auk.

Muito mais do que peculiares, Isla (Gayle Rankin) e Sandy (Grant O´Rourke) vivem um pleno isolamento compartilhado com o vento e com o manejo de um livro de contos escoceses, como se estivessem em um filme de Wes Anderson. Arredios, eles encenam um ritual de tratamento aos (futuros) adversários. Ambos temem "venenos" e "gente" vindos do continente.

Até serem oficialmente tidos como "moradores ilegais", os infantilizados protagonistas desconhecem a real capacidade de hostilidades que vão reservar a sujeitos como Daniel (Domhnall Gleeson), destacado, mesmo sob "abordagem inadequada", a notificar a realocação dos irmãos. "Selvagens", Isla e Sandy apelam para luta corporal e ficam reticentes frente a poderes reclamados por Daniel, que se diz um mago (sob a ameaça dos poderes de um celular, objeto desconhecido pelos irmãos).

Um dos válidos recursos da narrativa de Louis Paxton está em abraçar a animação inserida no filme (de coprodução entre Irlanda e Reino Unido) que alinha insanidade e componentes esdrúxulos na jornada que bebe de inesperadas fontes como o clássico *Os pássaros* (de Alfred Hitchcock) e uma bizarra versão de O Senhor dos Anéis. Versando sobre identidade e comportamento de grupo, o filme tem extras como a inspirada participação de Emun Elliott (de Fale com as abelhas e da série Sexy beast), na pele do taciturno Calum, capaz de reservar para si galões de urina, a fim de assegurar sobrevivência. Para além dos absurdos rituais de gaivota registrados, há a inesperada revelação da fonte de ciúmes de Sandy. Um filme que definitivamente não é para todos os gostos.

De graça

Uma programação alternativa, no Cine Cultura Liberty Mall, traz parte dos filmes alinhados para a 21ª edição do Festival de Cinema Italiano. As exibições, às 18h15, reúnem filmes como *O filho desejado* (atração de hoje) e *Na festa da Revolução: O poeta e a espiã* (no domingo). No primeiro, assinado por Tommaso Landucci, Riccardo Scamarcio entra em cena no longa em que Dario, que tem filho PCD, num crescente, se afeiçoa pelo sobrinho adolescente. Também com Riccardo Scamarcio, o longa de domingo, mostra o prenúncio do fascismo, em 1919, quando a conjuntura política vem salpicada por um amargo clima de vinganças.

FESTA DO CINEMA ITALIANO/ DIVULGAÇÃO



***Os irmãos Segreto*: raizes da indústria do entretenimento**

Amanhã, a atração é o clássico *Os boas-vidas* (1953) de Federico Fellini. Vencedor do Leão de Ouro no Festival de Veneza, o terceiro longa de Fellini apostou na comicidade, num registro igualmente neorrealista. Com músicas de Nino Rota, o longa mostra um quinteto de amigos desocupados, entregues à arruaça, e que protelam o real amadurecimento. Indicado ao Oscar de melhor roteiro original, traz como destaques as interpretações de Alberto Sordi, como um piadista e Franco Fabrizi, que vive o bon vivant do grupo.(**RD**)

Aposta na diversidade

Trechos da realidade, alguma fantasia em terreno italiano e a revisão genealógica de uma família chegam como temas no cinema, com as estreias de, pela ordem, *Tudo pode ser visto*, *Os irmãos Segreto* e *Loucos amores líquidos*. Aposta certeira nas indicações ao Oscar, o longa de Nathan Fielder e Lance Oppenheim examina a falência da Theranos, empresa ligada à análises de sangue, e as condições da fraudulenta empresária Elizabeth Holmes que, pouco antes da cadeia, convoca uma equipe para registrar sua rotina conjugal.

Outra opção nos cinemas está na estreia de *Os irmãos Segreto*, que, lidando com o passado de Paschoal, Alfonso e Gaetano Segreto, reconta a implantação do entretenimento e da produção de cinema no Brasil, por meio da Paschoal Segreto, operante no cenário entre 1898 e 1901. Também de raízes italianas, o longa Loucos amores líquidos reflete sobre pertencimento em três gerações de mulheres cujas identidades caminham para mover relações humanas. O longa é assinado por Alexandre Avancini, e traz Daíse Amaral, Paulo Betti, Edoardo Costa, Angela Vieira e Eriberto Leão no elenco. (**RD**)